

**LOURENÇO FILHO E *JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO*: UMA
HIERARQUIA DISCURSIVA CIVILIZACIONAL¹**

**LOURENÇO FILHO AND *JUAZEIRO OF THE FATHER CÍCERO*: A
CIVILIZATIONAL DISCURSIVE HIERARCHY**

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.v0i49.42408>

COSTA, Deane Monteiro Vieira²

RESUMO

A presente pesquisa analisa a escrita e os olhares apresentados sobre o sertão do Juazeiro do Norte (CE), pelo educador brasileiro Lourenço Filho, em sua primeira publicação, *Juazeiro do Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no nordeste*. A publicação é fruto do seu exercício na função de diretor de instrução pública do Ceará (1922-1923). É um diário etnográfico de sua viagem, que ocorre em virtude da proibição do padre Cícero Romão Batista, na condição de prefeito, da realização do serviço de recenseamento das crianças. Lourenço Filho apresentou uma imagem miserável e insana da cidade e do padre, devido ao seu envolvimento na produção e na divulgação das teorias científicas dominantes do pensamento intelectual do início da República brasileira, em contraposição ao mundo mítico. Para isso, recorremos ao conceito de Processo Civilizador de Norbert Elias (1993;1994) para compreender essa produção e os seus desdobramentos na imagem negativa dos sertanistas e do Padre Cícero em contraposição a valorização do discurso do intelectual preocupado com a modernização do Brasil. Concluímos que a polarização *Fortaleza (Cidade) – Juazeiro (Sertão)* reforçou o discurso de que o habitante da capital, era sujeito integrado ao ideal de nação, enquanto o devoto sertanejo pertencia a comunidade primitiva de “fanáticos”, considerada um “grande hospício”, que precisava ser incorporada à civilização.

Palavras-chave: Reforma Escolar; Caboclos; Ciência; Beato.

ABSTRACT

He analyzes the writing and the looks presented on the backwoods of Juazeiro do Norte (CE), by Brazilian educator Lourenço Filho, in his first publication, *Juazeiro do Padre Cícero: scenes and pictures of fanaticism in the northeast*. Fruit of its exercise in the function of director of the public instruction of Ceará (1922-1923). It is an ethnographic diary of his trip, which occurs due to the prohibition of the priest Cícero Romão Batista, in the condition of mayor, of the accomplishment of the service of census of the children. Lourenço Filho presented a miserable and insane image of the city and the priest due to his involvement in the production and dissemination of the dominant scientific theories of intellectual thinking at the beginning of the Brazilian Republic, as opposed to the mythical world. For this, we used Norbert Elias's concept of Civilization Process (1993; 1994) to understand this production and its unfolding in the negative image of the inlands and Padre Cícero as opposed to the valorization of the discourse of the intellectual concerned with the modernization of Brazil. We conclude that the Fortaleza (City) - Juazeiro (backwoods) polarization reinforced the discourse that the inhabitant of the capital was an integrated subject to the ideal of nation, while the devout sertanejo belonged to the primitive community of "fanatics", considered a "great hospice", which needed to be incorporated into civilization.

Keywords: School Reform; Caboclos; Science; Blessed.

¹ Agradeço ao professor Carlos Monarcha pela leitura e pela ajuda na localização de referências necessárias à escrita deste texto.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Núcleo de estudos sobre Educação, Trabalho e Juventudes (NETEJUV) do IFES-Campus Vila Velha. Membro pesquisador do Laboratório de Gestão da Educação Básica do Espírito Santo (LAGEBES), do Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação (NUCAPHE). Professora pesquisadora do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Coordenação Pedagógica-Ead (MEC/SEB/SEDU/UNDIME-ES/LAGEBES).

Introdução

O presente trabalho analisa, em uma perspectiva histórica, a primeira publicação do educador brasileiro Lourenço Filho, *Juazeiro do Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no nordeste*, a edição é fruto do seu exercício na função de diretor de instrução pública do Ceará (1922-1923). É sabido que Manoel Bergström Lourenço Filho³ foi um dos mais eminentes educadores brasileiros do início do século XX. Ele participou efetivamente da constituição do campo educacional, bem como do movimento de instituição da Psicologia como campo científico no país. Para Penna (*apud* COSTA, 2012; 2016), Lourenço e a história da Psicologia no Brasil se relacionam na medida em que as obras desse intelectual dão visibilidade aos pensadores da Psicologia de seu tempo como Dewey, Montessori, Claparède e Decroly.

O estudioso ficou conhecido ao participar ativamente do movimento da Escola Nova⁴ e por realizar algumas das reformas educacionais durante as décadas de 1920 e 1930. Foi responsável pela reforma do Ceará na década de 20. Já na década de 30, foi diretor-geral do Ensino Público em São Paulo, o que o consolidou como um dos líderes de maior expressão desse movimento no País, principalmente com a publicação de seu livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, divulgado pela primeira vez em 1930, que se tornou “[...] a mais importante fonte de divulgação das bases científicas e filosóficas da perspectiva escolanovista em língua portuguesa. Em suas treze edições, entre 1930 e 1978, tornou-se um clássico na literatura em psicologia e educação no Brasil” (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 17).

De acordo com Monarcha (2002, p. 12), para diferentes analistas “a reforma do ensino conduzida por Lourenço Filho no Ceará (1922-1923) representou um marco histórico na trajetória da educação brasileira, sendo considerada uma das primeiras manifestações do movimento da Escola Nova no Brasil.”

Sendo assim, como a “Meca do fanatismo religioso” – termo dado a Juazeiro por Lourenço Filho – foi descrita pelo pensador? Que discurso hegemônico Lourenço Filho

³ Importa ainda destacar que a vida de Lourenço Filho pode ser apreciada sob outros numerosos aspectos: professor primário, professor da Escola Normal, professor universitário, mestre de Psicologia, administrador escolar no âmbito estadual e federal, homem público, escritor, o pai de Ruy e Márcio, o esposo de Aída de Carvalho e o amigo de Fernando de Azevedo e de Anísio Teixeira (MONARCHA, 2010).

⁴ No Brasil, o movimento da Escola Nova se tornou conhecido a partir das reformas educacionais em vários Estados, durante as décadas de 1920 e 1930. Mas é preciso destacar que o movimento da Escola Nova no Brasil não pode ser visto ou estudado de uma forma “canônica”, na medida em que não havia uma doutrina que moldava os primados de seus defensores. Os debates em torno da correta acepção de Escola Nova demarcavam as fronteiras entre inovadores e tradicionalistas.

defendeu em relação ao sertão-litoral no início do Brasil Moderno? Como descreveu a figura do Padre Cícero e a “estrita mentalidade” dos sertanejos?

Para isso, utiliza como metodologia a pesquisa histórica, que requer ao historiador escavar os meandros dos textos, precisa ir “[...] contra as intenções de quem os produziu, pois podemos fazer emergir vozes incontroladas. Ou seja, é possível supor [...] que todo texto inclui elementos incontrolados” (GINZBURG, 2007, p. 11).

Com base teórica fundamenta-se em textos produzidos por pesquisadores brasileiros, entre eles: Monarcha (2002), Bastos (2009), Cavalcante (2009), Costa (2012; 2016), Dávila (2006) e Veiga (2008; 2011). Também recorremos ao conceito de processo civilizador de Norbert Elias (1993;1994) para compreender o vínculo do discurso de Lourenço Filho preocupado com a modernização do Brasil pelo qual esse produção se guiou.

A escrita deste artigo organiza-se em torno dos seguintes eixos de análise, considerados em suas conexões: a) a publicação do livro *Juazeiro do Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no nordeste* e o discurso civilizador de Lourenço Filho; b) a descrição do padre Cícero Romão Batista como um ser de inteligência medíocre e o cultivo do fanatismo; e c) o sertanejo e o problema educacional.

O livro *Juazeiro do Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no nordeste*

Pouco se discute a respeito da primeira publicação desse pensador, especialmente quando este exerceu a função de diretor da instrução pública do Ceará (1922-1923)⁵. Sua obra foi produzida depois de uma viagem de Lourenço Filho ao sertão de Juazeiro no Ceará. Essa viagem ocorreu em virtude da proibição do padre Cícero Romão Batista, na condição de prefeito, de realização do cadastro escolar por meio do serviço de recenseamento das crianças de 6 a 12 anos, atividade necessária para efetivação da reforma educacional proposta pelo educador paulista.

Inicialmente, a obra foi publicada fracionada no jornal *O Estado de S. Paulo*, numa série de artigos que alcançou grande repercussão. A série “Juazeiro do Padre Cícero” de Lourenço Filho, de acordo com Monarcha (2002, p. 13), “foi composta por dez artigos, em que, com

⁵ Há exceções, com a investigação de livre-docência "O sertão do Ceará segundo Lourenço Filho" do professor Carlos Monarcha, realizada na Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista-Campus Marília em 2001. No ano de 2015, Carlos Monarcha publica o livro “Finisterras”: Bergström Lourenço Filho sertões adentro”, afirmando ser: “uma versão possível de sua tese de livre-docência” (2015, p. 07).

habilidade, o autor [misturou] dados resultantes de observação direta de fatos, de leitura de livros e de depoimentos orais recolhidos entre os cearenses”⁶.

Sendo assim,

[...] o efeito de realidade produzido [colocou] o leitor perante um enviado especial em missão de imprensa, incumbido de registrar os conflitos e tensões do front interno: o sertão brasileiro. Os artigos, configurados na forma de anotações descritivas, evocam semelhanças com os relatos dos viajantes naturalistas que, durante os séculos anteriores, percorreram as vastidões dispersas do território, dando lugar ao nascimento de uma etnografia sobre o Brasil (MONARCHA, 2002, p. 13).

Os artigos foram reunidos em volume pelas Edições Melhoramentos. Foram três edições, a primeira em 1926, a segunda em 1929 e a terceira em 1959⁷. Ou seja, três décadas depois a mesma Editora publicou a terceira edição *Juazeiro do Padre Cícero*, agora com a grafia do título atualizada. Em suas palavras iniciais, Lourenço Filho (1959) informa que o livro *Juazeiro do Padre Cícero* tratava-se de um rápido esboço de singelas impressões e que não cabia em um “estudo perfeito” de tal caso social – considerado por ele como incrível em seu tempo – pois lhe faltavam “[...] certos recursos de investigação e os documentos necessários a um juízo definitivo sobre fatos e pessoas” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 17).

Para o autor (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 17), o Nordeste não só apresentava estranhos aspectos da terra, mas também,

[...] o peso fatal de erros e crimes da República. Um deles, por demais expressivo, porque não logrará nunca dissimular as responsabilidades dos governos, o do Estado em que aflorou, e o da União, que o permitiu e insufla, é o do Juazeiro do Padre Cícero, a Meca dos sertões cearenses – arraial e feira, antro e oficina, centro de orações e hospício enorme... (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 17, grifo nosso).

É possível compreender as qualidades por Lourenço Filho a Juazeiro do Norte, como: martírio secular das secas, casos sociais dos mais imprevistos e singulares, abrigo de peregrinos,

⁶ Intitulados de modo sugestivo, os artigos são os seguintes: I – Em caminho (17 de novembro de 1925); II – A Meca dos sertões (18 de novembro de 1925); III – Transpondo as trincheiras... (19 de novembro de 1925); IV – No reino da insânia (25 de novembro de 1925); V – Ecce homo! (27 de novembro de 1925); VI – Retomando o fio (21 de abril de 1926); VII – Os milagres (23 de abril de 1926); VIII – O “boi santo” (2 de maio de 1926); IX – A sedição de 1913: causas (10 de julho de 1926); X – A sedição: início da luta (13 de agosto de 1926).

⁷ Edição utilizada pela autora. O livro contém 217 páginas, compõe a coleção “Obras completas de Lourenço Filho”, das Edições Melhoramentos, de número 1. Seu tamanho é de aproximadamente 24 cm X 16,5 cm, apresentado em capa dura com brochura em couro, e indicações na lateral com letras douradas “Educação”, título do livro e o nome do autor.

arraial sórdido e miserável e outras tantas adjetivações, se localizarmos o autor como um representante intelectual de sua época, que separava o temporal do espiritual, e que tinha uma visão otimista de mundo, que fazia crer que os progressos da razão eram os avanços das ciências e das técnicas.

Além disso, ele acreditava ser sua a missão de articular o “sofrimento coletivo” dos povos “primitivos, paranoicos e místicos” – termos atribuídos pelo autor para se referir ao povo residente e visitante de Juazeiro do Padre Cícero – com a preocupação com as novas gerações, tendo como defesa universal o avanço do conhecimento e da instrução pública como estratégias para aprimorar a vida em sociedade no tempo em que viviam. Isso é notado, quando ele problematiza: “[...] Quem ousaria afirmar que os homens de hoje são moralmente melhores do que os antigos? Mas, quem poderá negar que sejam mais inteligentes ou pelo menos mais ricos no saber?” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 69-70).

Em sua obra *O processo civilizador* (1993; 1994), Norbert Elias analisa como a sociedade ocidental vivenciou uma importante mudança de hábitos e comportamentos, a partir das alterações nas relações de interdependência entre os indivíduos e/ou grupos sociais e, portanto, nas relações de poder.

Veiga (2008) nos chama a atenção para o fato que, para a análise da sociedade brasileira, evidentemente, não é possível transpor a longa experiência dos processos civilizadores das nações europeias, devido, entre outras coisas, à permanência da escravidão em longa duração histórica. De acordo com a mesma autora, observa-se que, na tradição brasileira,

[...] não se realizou plenamente o que foi fundamental em outras sociedades para a produção de uma auto-imagem civilizada, ou seja, o uso legal da força física não esteve totalmente centralizado no Estado, mas foi partilhado com os senhores de escravos. Dessa maneira, as relações entre civilização e violência no Brasil, enquanto experiência de autocontrole e controle externo, se fizeram de forma dual, mas não necessariamente contraditória. O Estado normatizou o tesouro público e a guarda nacional, criou a força militar, legislou sobre os direitos civis e, entre outras, estabeleceu como prescrição constitucional que “desde já ficam abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as mais penas cruéis”. Entretanto, manteve o regime da escravidão, em que o proprietário de escravos dispunha de autonomia para uso da violência, situação que evidentemente não foi isenta de muitas tensões (VEIGA, 2008, p.160-161).

Em que pesem as muitas diferenciações das experiências históricas dos processos civilizadores das diversas nações ocidentais, e como citada acima, a do Brasil, um pensamento unificou as diferentes ações, o “[...] estreito vínculo anunciado entre escola e civilização” (VEIGA, 2008, p. 160). O estudo de Jerry Dávila (2006), intitulado *Diploma de brancura:*

política social e racial no Brasil, afirma que foi a defesa da Educação e da Saúde, feita pelos intelectuais brasileiros nos anos de 1917-1945, que construiu a imagem do “homem brasileiro”, mesmo sendo mestiço e consagrou o papel da educação em sua moldagem.

Nesse sentido, a escrita do livro *Juazeiro do Padre Cícero* se deu nesse período específico do Brasil, depois da Primeira Guerra Mundial, que levou as elites brasileiras à produção de certo consenso “[...] de que a população mestiça existente no Brasil teria de bastar como motor do progresso nacional” (DÁVILA, 2006, p. 367). No entanto, o desafio que esse consenso apresentava era questionador: “[...] como o Estado poderia curar os brasileiros de seu atraso?” (DÁVILA, 2006, p. 367-368).

Lourenço Filho, defendeu que cabiam aos homens das letras, como ele, o protagonismo da missão civilizadora e modernizadora de um sociedade recém saída da escravidão e da monarquia, pilares do atraso em que o país se encontrava. Por isso, seu percurso pelo sertão do Ceará, deslocando-se de Fortaleza para o Crato pela Estrada de Ferro Baturité, de automóvel, contou com a companhia de “pessoas ilustres” como a do Dr. Antonio de Gavião Gonzaga, médico dirigente da Comissão do Serviço de Profilaxia Rural do Ceará.

As suas impressões iniciais destacam a existência de um sertão cearense dividido, um incorporado à civilização por sua elite (Fortaleza, Crato) e outro incorporado a própria materialidade de todo o atraso vivido pelo homem do campo. Essa segunda impressão comparou o sertão a um grande hospício a céu aberto (*Juazeiro do Padre Cícero*):

O que é impressionante e, à primeira vista, não se explica é a existência, a três léguas dessa cidade, de um estranho aglomerado humano: o Juazeiro, do padre Cícero. Como que todo o atraso dos sertões aí se condensou, para condicionar maior retrocesso e estabelecer condições propícias de desajustamentos, em que repontam mentalidades atrasadas por séculos. Havemos de fixar algumas das impressões dessa famosa Meca sertaneja – arraial e feira, antro e oficina, centro de orações e hospício enorme [...] (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 29).

As habitações e a mobília dos sertanistas e caboclos foram vistas e descritas por Lourenço Filho como:

[...] Arruados dos mesmos pardieiros, estendidos por três ou quatro mil metros, cruzam-se em vários sentidos. As habitações quase todas se copiam por fora, em muros mal-acabados, despídos, ordinariamente, de qualquer intenção estética, como se parecem no interior, pobríssimo e imundo. Por fora, quase que só as distingue a numeração: um cartapácio com grosseiros algarismos, no geral seguidos das iniciais “P. C.” e de cruces, signos-de-salomão ou de outros símbolos de uma cabalística rudimentar. Não raro um “Viva o meu Padim Ciço” esparrama-se a carvão pela parede malcaiada, com muito fervor e nenhuma ortografia. Por dentro, uma sala, em toda a largura da

habitação. Duas alcovas, as camarinhas, e a cozinha, tudo sem outro piso senão a terra batida, sem forro nem pintura. A cozinha é de todos os cômodos o mais interessante. Nela se vê, num canto, o “poiá”, com a sua cratera sempre fumegante; no ângulo oposto, o “caritó”, espécie de prateleira tosca de três ou quatro varas, metidas pelas extremidades no adobe das paredes. Duas painéis de barro, uma gamela, algumas cuias, eis toda a bateria. Uma trama fechada de teias de aranha, com pingentes balouçantes de picumã, se distende por cima de tudo. Ninguém lhes toca: as aranhas dão sorte e anunciam as chuvas, e as teias servem para pensar feridas [...] (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 44).

Chamou a atenção do autor alguns hábitos culturais como: a utilização da jarra e do caneco de tirar água de beber, “único apetrecho doméstico em que transparece a existência da idade dos metais” e também responsável pela transmissão de muitas moléstias pela água contaminada. Além da utilização da rede, foi considerado por Lourenço Filho, um leito primitivo dos caboclos e sertanistas. Assim,

[...] num ponto sombrio e protegido, descansa a “jarra” da água de beber. É um grande pote, às vezes de mais de um metro de altura, em que se traduz a última expressão da cerâmica sertaneja, tão aperfeiçoada que não pôde ainda passar da forma singela do vaso etrusco, que o índio já reproduzia. Mas a jarra representa, na existência do Nordeste, alguma coisa de sagrado: a água, a vida algumas vezes. Para os fanáticos, apresenta-se, além disso, como uma fonte de credices. O lodo, que se lhe ajunta por fora das paredes, é mezinha infalível para a cura da “safiranga”, senão do próprio tracoma; as incrustações provenientes da má qualidade da água, e que se possam formar no fundo, recebem outras aplicações terapêuticas diversas; e três carvõezinhos, encontrados um palmo abaixo da terra, no mesmo lugar, são talismãs preciosos para a cura de todas as mazelas, “fechamento do corpo” e espantinho infalível do “Cão” – o demônio [...] (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 45-46).

Diante dessa descrição, Lourenço Filho, como educador reformista daquele estado, defendia que o Brasil precisava mais do que “[...] um patologista, carecemos de higienistas e terapeutas sociais. O País procura políticos dignos desse nome, capacitados [...] que, sem admitir soluções simplistas, venham a lançar linhas seguras de coordenação nas forças dispersas do grande organismo” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 18).

Para Dávila (2006), durante o período de 1917 a 1945, os pressupostos do progresso das ciências, dos métodos e das técnicas foram incorporados nas políticas educacionais e nos projetos levados adiante pelos educadores reformistas, tanto nas escolas do Rio de Janeiro quanto na formação dos professores. Os educadores

[...] tinham fé irrestrita na capacidade do Estado de funcionar de maneira técnica e científica para transformar a nação. Os condutores da expansão e reforma educacional acreditavam que a maior parte dos brasileiros, pobres

e/ou pessoas de cor, eram sub-cidadãos presos na degeneração - condição que herdavam de seus antepassados e transmitiam a seus filhos, enfraquecendo a nação. Os mesmos educadores tinham também fé na sua capacidade de mobilizar ciência e política para redimir essa população, transformando-a em cidadãos-modelo (DÁVILA, 2006, p. 12-13).

Do mesmo modo, Lourenço Filho aponta que as respostas para essa questão partiriam das comunidades científica, intelectual e política da virada do século no Brasil. Tais comunidades devotaram à reforma e à expansão educacional, via escola pública, a condição de “veículo” para atingir os diversos objetivos com relação aos temas de raça e degeneração do povo brasileiro. Portanto, para o intelectual havia uma necessidade (LOURENÇO FILHO, 1959, p.13).

[...] urgente de formar grupos de elite que melhor pudessem compreender os grandes problemas nacionais, planejar-lhes as soluções e executá-las com espírito público. A educação deve, pensa o Autor, ter um sentido nacional, imbuir-se de força “política”, no melhor sentido dessa palavra. No caso particular que serve de tema ao livro, o do fanatismo de grandes grupos da população, assinalava, enfim, com documentos, a responsabilidade dos governantes, desprovidos da preparação necessária para solver tais problemas de forma conveniente.

Lourenço Filho e os demais acompanhantes de viagem chegaram no centro de Juazeiro às onze horas da manhã e já estavam em frente à casa do Padre Cícero. “Todo o espaço da rua, naquele quarteirão, estava tomado de gente que se apinhava procurando lugar diante da porta do Padrinho” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 51). De acordo com o autor (1959), de longe o local parecia muito grotesco e um “ambiente de insânia”. No entanto era mais do que isso, “era horrível”. Pois,

[...] sob a vibração do estrondo das bombas e foguetes, numa temperatura de forno, sentindo o fartum daquela pobre gente, ouvindo imprecações e pedidos de misericórdia, soluçar de preces e choro de crianças, não vendo ao redor senão rostos de iluminados ou de penitentes, faces maceradas, fisionomias que movem a mais profunda piedade, o sentimento que se apodera do observador não o permitirá rir ou deles zombar... O que se tem é um veemente apelo da razão, que o levaria a protestar, a gritar, a chamar à realidade aquele estúpido rebotalho humano, ensandecido e explorado – se a mesma razão não lhe mostrasse o perigo a que se havia de expor, se ali ousasse esboçar um gesto, que fosse, de crítica, ou um dito apenas de condenação...

Diante de uma tal mostra de rebaixamento humano, e da incapacidade em contê-lo de pronto, não se pode deixar de sentir o maior acobramento (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 53-54).

Nesse sentido, Almeida (2011) destaca que o olhar culto de Lourenço Filho em Juazeiro do Norte, pode ter sido enviesado por uma visão mista de espanto,

[...] ao vislumbrar pequenas ruas, vielas, becos escuros e, ao mesmo tempo, ruas largas com características promissoras. Vislumbrava outras percepção para o caos da cidade mediante a intervenção no interior da sociedade civil, pelas mãos dos homens cultos, ignorando os diversos universos sociais fazedores do mosaico cultural que formava a identidade do lugar (ALMEIDA, 2011, p. 79, grifo nosso).

No Brasil, apesar da rejeição aos universos dos iletrados, com a predominância do místico sobre a realidade local, Lourenço Filho e os demais intelectuais dos anos de 1920 integraram um conjunto significativo de novas sociabilidades culturais que tiveram como objetivo a difusão mais integrada e técnica da cultura escrita. Ou seja, tais intelectuais, homens e mulheres, tornaram-se um setor intermediário da sociedade, capaz de fazer a mediação entre o Estado e o espaço público, como a constituição de um sistema de escolas públicas, dotado de um projeto civilizador. Assim, pensar a educação e o ensino nesse contexto histórico “[...] era contudo, algo que requereria a demarcação de território: espaços físicos e limites simbólicos, estabelecimento de jurisdições e organização da vida das pessoas dentro de fronteiras recortadas” (BOTO, 2017, p. 382).

Seria também necessário compor, [...] para a vida pública do Estado nacional, um corpo supostamente imparcial de funcionários especializados, servidores recrutados por funções pré-determinadas e dispostas de modo hierárquico. Havia de se ter o preparo das populações para operar os serviços do Estado (BOTO, 2017, p. 382).

Para isso, seria necessário romper com os poderes estabelecidos pelo imprevisível do mundo mágico, no caso particular, com a figura do Padre Cícero, que tinha fonte de legitimidade, o carisma e o místico. Vale ressaltar que esses últimos dois aspectos constituíam barreiras ao projeto civilizador da intelectualização e racionalização da vida moderna.

No entanto para Almeida (2011) tratava-se de uma disputa, na qual cada setor tem representantes que vão estabelecer versões distintas dessa história,

[...] travou-se ali um conflito político que utilizou como argumento a inferioridade de uma dada cultura, no caso, a sertaneja, rural, considerada atrasada e de uma cultura moderna e sofisticada, oriunda dos grandes centros urbanos. Tal fato evidencia, entre outras questões, que havia nos anos 1930 e 1940 a difusão de um forte apelo político e ideológico por uma modernização de setores básicos que compunham a sociedade brasileira e a industrialização nacional. Imerso nessa atmosfera, os defensores da Modernidade entendiam que o projeto de constituição e consolidação de uma identidade cultural para o Juazeiro do Norte significava superar o estigma de um *Sertão atrasado, abandonado, ridicularizado e esquecido* (ALMEIDA, 2011, p. 12-13).

Para superar tais estigmas do sertão de Juazeiro do Norte, era fundamental descrever e analisar o líder dessa região do sertão nordestino, o Padre Cícero Romão Batista, e suas influências diretas na constituição de uma cidade miserável e insana. E, foi isso que Lourenço Filho produziu como narrativa que representava o seu olhar, em tempos de reforma escolar cearense.

O padre Cícero Romão Batista: “ecce homo”

A construção mítica do líder de Juazeiro do Norte, Padre Cícero Romão Batista, de acordo com Lourenço Filho (1959), realizou-se em virtude do sertão nordestino ser habitado por homens, mulheres e crianças “rudes, pouco afeitos a raciocinar sobre os fatos da natureza”, um meio “predisposto a interpretações miraculosas”, [...] basta considerar que sobre a ignorância e o fundo supersticioso do caboclo, vivem em seu espírito tradições de messianismo e sebastianismo” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 85).

No entanto, o encontro apresentou um homem “octogenário amável”, quase tímido, de uma “simplicidade rústica”, que se acentuava no “aspecto débil” e na “linguagem por vezes imprecisa”.

Nada podia denunciar uma personalidade estranha, senão os olhos pequeninos e movediços, de expressão enigmática, como se fossem de louça, olhos de cor indecisa, entre o pardo e o verde sujo. Esperávamos uma figura dominante, e, naqueles primeiros instantes, não conseguíamos entrever senão uma sombra (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 60).

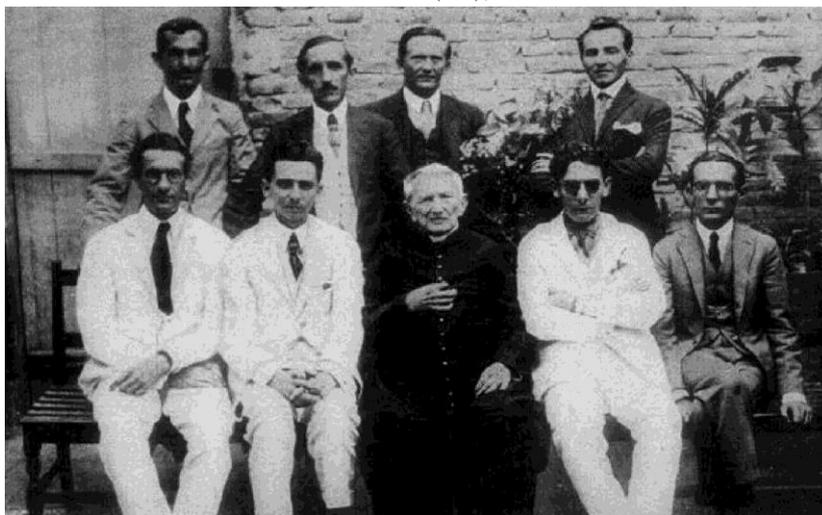
Baseado nos estudos médicos-psiquiátricos-criminológicos de Gina Lombroso, filha de Cesare Lombroso, que dedicou-se a um trabalho meticuloso de reorganizar os escritos publicados e inéditos de seu pai, Lourenço Filho (1959) afirma:

Quando um cidadão europeu ou americano descobre uma nova verdade, ou um novo engenho, encontra imediatamente centenas de colaboradores, de continuadores, de detratores ou de entusiastas que se encarregam de verificar a nova idéia [sic], depurá-la, engrandecê-la, aplicá-la, de propagá-la com o próprio nome ou com outro, mas sempre de modo a difundí-la, a torná-la patrimônio comum de multidões de seres, que dela possam aproveitar os benefícios. A essa magnífica cooperação é que devemos o progresso. É possível, assim, afirmar que os medíocres dificultam o progresso. São os desajustados, fanáticos, lunáticos, santos ou gênios que, desprezando a impopularidade ou perseguição, difundem e propagam os novos produtos industriais, comerciais, as obras artísticas, as concepções de estética, as experimentações ousadas, as sínteses e as aplicações que depois passamos a considerar como geniais (LOURENÇO FILHO, 2017, p. 72, 73, grifo nosso).

E finaliza defendendo que esses “anômalos”, como o Padre Cícero, são os responsáveis por alimentar a fé sagrada no progresso. Cabia a eles a “função de apressar a civilização”. Eles eram como “[...] as bactérias da fermentação, [que] assumem muitas vezes um duplo papel de analistas e reconstrutores: eles decompõem e reorganizam as instituições, ativam o intercâmbio de ideias, e a transformação incessante do assaz complexo organismo que é a sociedade humana” (LOURENÇO FILHO, 1959, p.73).

De acordo com os estudos científicos da psicologia realizados por Lourenço Filho, os diferentes períodos da vida do padre Cícero Romão parecem demonstrar o desenvolvimento de uma “[...] psicose, revelada desde a adolescência. É assim que, quando aluno do Seminário, em Fortaleza, já demonstrava sinais tão evidentes de mitomania, que o reitor do estabelecimento, padre Pedro Chevalier, opôs dúvidas à sua ordenação” (LOURENÇO FILHO, 1959, p.62).

Figura 1: Padre Cícero Romão Batista ladeado, à direita, por Lourenço Filho, em Juazeiro (CE), 1922



Fonte: (MONARCHA, 2002, p. 07)

Além disso, Lourenço Filho (1959) destaca que do misticismo ao fanatismo falta apenas um passo, pois o espírito místico tem sede do incompreensível, do misterioso. “Sente-se mal no domínio da realidade”.

Conforme o tempo e o meio, a variedade da educação e as sugestões do ambiente, lançar-se-á ele por completo na religião, na magia, nas ciências ocultas, na doutrinação política. Certas idéias [sic] delirantes são o eixo de toda a sua dinâmica mental.

No fanático, muitas vezes, há de reconhecer-se o místico em ação. Não lhe bastará a relação com os numes inspiradores. É preciso comunicar suas idéias [sic], fazer valer as suas concepções originais sobre uma certa classe de fenômenos ou mesmo sobre toda a vida universal; e, não lhe bastando a propaganda, anseia por levantar os homens à sua palavra, para o que funda

seitas, estabelece escolas políticas, descobre mistérios, julgando-se sempre encarregado de missão sobrenatural, ou divina... E, para o êxito da empresa, em que vê a explicação de sua própria vida, não recua diante de conseqüência [sic] alguma (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 62).

Desse modo, Padre Cícero foi favorecido pelo meio, modificado talvez, a princípio, pelos próprios homens a quem se dirigia. O misticismo do padre se transformou numa ação fanática, em virtude da região nordeste,

[...] em dias de calamidade marca com angústias indescritíveis a vida da maioria de seus filhos, e em que o desconhecimento do próprio ritmo de certos fenômenos naturais impõe a idéia [sic] de que o universo não está sujeito a condições que se possam conhecer, essa mentalidade chega a dominar espíritos dos mais esclarecidos, que afervoram suas crenças, mais no temor que no respeito, numa súplica mais do que no culto... A divindade passa a ser mais temida que amada. E como nas menores coisas se procura a expressão de seus desígnios, de que modo não se havia de avantajarse aos olhos do povo um sacerdote que acabava de ter nas mãos a prova indubitável de misericordiosa preferência? (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 80).

Assim, Lourenço Filho, tributário de uma orientação racionalista e que tinha relação com os estudos científicos, pretendia mobilizar o desenvolvimento da sociedade, por meio do conhecimento acumulado e divulgado por uma renovação escolar estatal. Ele lamentava que:

[...] se o chefe do Juazeiro tivesse podido acumular e manter, naquele meio, um sólido e brilhante cultivo do espírito, esse, sim, seria o seu maior e mais legítimo milagre. Vivendo, há mais de meio século, em contato apenas com o sertanejo bruto e, ademais, num ambiente de delírio; não dispondo de tempo sequer para ler e meditar, pois que suas horas não bastam para atender a peregrinos e beatos; sem recurso de renovação de idéias [sic], por livros e jornais, que até sua casa só muito raramente chegam; sem necessidade alguma que o leve a exercitar o espírito, para sadio objetivo cultural – é óbvio que só se possa encontrar nele, ao termo de oitenta anos de vida, uma inteligência medíocre e fatigada, adstrita aos mesmos abusões, preconceitos e desvios mentais do sertanejo [...] (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 65).

Já para a pesquisadora Núbia Ferreira Almeida (2011), é preciso compreender a constituição de Juazeiro do Norte como um lugar para onde se dirigiam os excluídos e deserdados dos bens “[...] materiais necessários à sobrevivência, castigados pelas secas periódicas que ocorriam no sertão nordestino, os sertanejos pobres buscaram o acolhimento espiritual e material que o padre Cícero poderia proporcionar para as suas vidas” (ALMEIDA, 2011, p. 232). Assim,

[...] entendendo que a religião, o trabalho e a educação são fatores fundamentais dessa empreitada rumo à transformação da realidade social, o Padre, que lutou para trazer a Congregação, tornou-se um homem dividido, pois, como presbítero, representa a Igreja Institucional e, como homem, é delegado do povo sertanejo por entender-lhes as manifestações simples de catolicismo e não conseguir vê-los como contrários às orientações da Santa Sé. Esse fato traz, ao longo dessa história, vários desdobramentos, entre eles o da discriminação social e étnica, bem como alimenta elementos de circularidade cultural, pois temos uma sociedade composta de ricos e pobres, e, entre esses segmentos sociais, fanáticos, intelectuais, analfabetos, filhos da terra e romeiros, com todas as tramas sociais mediadas por política e religião. Acreditamos que uma das identidades de encontro entre o padre Cícero Romão Batista e Dom Bosco é que ambos exerceram uma pastoral do diálogo voltada para uma camada socialmente discriminada e desamparada; na Itália, Dom Bosco fez um trabalho com a juventude pobre, composta por vítimas do processo de industrialização, enquanto em Juazeiro do Norte, padre Cícero trabalhou com as vítimas do latifúndio e das constantes secas que marcaram a história do Nordeste (ALMEIDA, 2011, p. 232).

Dito isso, Almeida (2011) conclui que o líder de Juazeiro do Norte, como é conhecido, tornou-se um herói legendário com presença marcante na cultura popular, tendo sido os seus “milagres” divulgados ao longo do tempo por uma história mítica,

[...] presente na voz de cantadores nordestinos e de todo tipo de literatura e arte popular, eleita como um importante veículo de propagação e luta contra a Igreja Católica e o Estado, que não aceitavam a liderança religiosa do padre Cícero. Por essa razão, configura-se um longo período histórico de contestação e enfrentamento da população, dividida entre os católicos e os considerados católicos “fanáticos”, disputa esta que foi capaz de formar uma base política sólida, que permitiu as articulações necessárias ao desenvolvimento e fortalecimento daquela cidade, direcionando todo o enredo e/ou percurso da história local, num entrelaçamento entre cultura popular, política e religião (ALMEIDA, 2011, p. 12).

Como agente civilizador, Lourenço Filho (1959), defendeu, que a inteligência do Padre Cícero era medíocre e fatigada, adstrita aos mesmos abusões, preconceitos e desvios mentais do sertanejo. Para isso, defendeu uma educação diferenciada aos sertanistas, desentoadando com o princípio basilar do movimento da Escola Nova, o da educação pública democrática na luta contra o analfabetismo, o que provocou críticas na época da publicação de seu primeiro livro.

O sertanejo: o verdadeiro progresso do Juazeiro, embora lento como o seu carro de boi

Como um “arraial sórdido e miserável, sem higiene e sem trabalho, abrigo de peregrinos e de cangaceiros da pior espécie, de doentes e malucos” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 177), poderia participar da reforma de instrução pública proposta pelos novos métodos educacionais?

Notandum, ano XXII, n. 49, jan./abr. 2019 CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto

Para Lourenço Filho (1959, p.177), depois de sua viagem e descrição dos fatos que “confrange (atormenta) a alma de todo brasileiro culto”, o processo educacional não significava apenas “o ensino primário, tal como o brasileiro da estreita orla de civilização possuía, ou o trabalho alfabetizante.” O problema educacional no sertão “[...] é muito mais complexo do que a simples alfabetização, que só poderá ser proposta, como solução empírica, pelos que desconhecem o meio e suas necessidades ou os resultados sociais do simples aprendizado da leitura e escrita” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 179).

Pois, no Ceará, como em todos os demais estados da região, a “situação mental da população”, segundo Lourenço Filho (1959, p. 180), pode ser assim resumida: 20% sabe ler; e o resto não sabe. Assim, a essa população disseminada em pequenos focos dispersos,

[...] sem relação direta com o progresso do litoral, ao sertanejo atual, enfim, de pouco valerá saber ler, apenas. Mais valerá, para cada mil cabeças, cem cabeças bem formadas, adaptadas às necessidades e ao desenvolvimento da região, apetrechadas para lutar, vencer e impor-se aos demais, como exemplo e guia. Que valerá saber ler sem hábitos de observação e trabalho, sem energias para pronta reação de adaptação ao meio? (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 179).

Com essa defesa, Lourenço Filho (1959) justifica que a leitura podia ser uma necessidade pública de organização e de progresso, até um dos elementos de elevação do indivíduo, ninguém o negava, mas não era elemento essencial das bases da cultura do sertanejo. Pois era

[...] povo ignorante que lavra a terra, planta, colhe, cuida do gado, extrai as riquezas naturais e as faz transportar para os centros consumidores. A população letrada faz estéril burocracia, quando não criminosa politicagem. E, quando o flagelo da seca ameaça a vida por todos os sertões, é ainda o analfabeto que luta, que empiricamente descobre os meios de defesa, cavando cacimbas, colhendo as pontas das árvores que sirvam de forragem, tangendo o gado para as serras e os campos frescos do Piauí... A esse tempo, ao invés da mesma atitude ativa ou de luta, o letrado permanece à espera... Não o faz por mal; fá-lo, por desadaptação mental aos verdadeiros problemas de sua terra, por incapacidade de ação eficaz (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 180).

Essas afirmações parecem infundadas para um intelectual que foi convidado a realizar, no Estado do Ceará, uma reforma educacional na formação dos professores da Escola Normal Pedro II, em Fortaleza, e em toda a instrução pública cearense. Segundo Cavalcante (2009, p. 21),

[...] para além da reforma da Pedagogia da Escola Normal, que incidia diretamente sobre o currículo e a orientação metodológica, dado a formação do professorado, o Ceará foi uma espécie de laboratório para a aplicação de preceitos pedagógicos da Escola Ativa, considerando que a Lourenço Filho, foi dado ainda, total apoio e crédito para fazer a reforma da instrução pública, desde o recenseamento – realizado com a colaboração do conjunto da municipalidades e prefeituras, diversos intelectuais e inspectores [sic] das localidades envolvidas – até a confecção de um novo regulamento, a expansão das escolas, a formação da rede pública, a construção de prédios escolares e a compra de mobiliário, de material escolar e de livros didáticos.

A intervenção com transformações no âmbito educacional realizadas por Lourenço Filho foi o motivo principal de sua viagem ao sertão de Juazeiro. Ele buscava analisar as razões da não realização do recenseamento nessa cidade, que era dirigida pelo “paranoico” Padre Cícero, na ocasião no cargo de prefeito. No entanto, quando nos deparamos com a afirmação de que a leitura é uma técnica desnecessária à formação humana de um sertanejo/caipira/cangaceiro e que a ignorância deles é o que os permitem ser o mais adaptável ao martírio secular das secas naquela região, problematizamos: será que, de fato, a negação no recenseamento da cidade feita pelo Padre Cícero, não estaria coerente, mediante a reforma educacional proposta por um intelectual paulista? Por que Lourenço Filho preserva a ideia de que pouco ou nada valerá para o sertanejo saber ler sem hábitos de observação e trabalho, e sem energias para pronta reação de adaptação ao meio?

Tais problematizações também foram realizadas e discutidas em 1926 pelo professor de tendência católica Mario Pinto Serva no Jornal paulista “Folha da Manhã”⁸ que afirmava:

Lourenço Filho tem medo que se ensine o alfabeto ao povo brasileiro! [...] no seu livro Juazeiro do Pe. Cícero, o prof. Lourenço Filho chega a conclusões extremamente perigosas, que transcendem os limites da pedagogia sobre o mais grave problema nacional, que é o ensino ou da educação, conclusões que não podemos deixar de impugnar, sentido imensamente e divergimos de pessoa que muito prezamos, sob todos os pontos de vista.

[...] É grave essa afirmativa por parte de um professor e pedagogo. Todos nós que usamos a expressão “luta contra o analfabetismo” evidentíssimo o que queremos significar é não só o ensino elementar, mas a formação física, moral e intelectual do povo. É para essa formação completa que existem todos os aparelhos de educação em todos os países do mundo. Seria absurdo a simples alfabetização, termo esse criado pela pedagogia do governo Washington Luís (SERVA, 1926, p. 3).

Para tal questão recorreremos à justificativa dada por Monarcha (2015). Para ele, o prefácio e a conclusão do livro Juazeiro do Pe. Cícero são “controvertidos e exortativos, [...] e

⁸ Fonte disponibilizada pelo professor e pesquisador Carlos Monarcha.

delatam as intenções finais do autor, isto é, situam Juazeiro, a “Meca dos sertões”, não apenas como questão regional, mas fenômeno desdobrado da política federal”.

[...] numa atitude em aparência contraditória, se comparada aos dias eletrizantes vividos por Lourenço Filho junto à Liga Nacionalista⁹, descartava a alfabetização extensa como via principal para o soerguimento dos confins territoriais; naquele momento, o problema brasileiro de cultura não seria o do alfabeto. A seu ver, a questão da quantidade e qualidade de ensino, num país de populações rarefeitas, levando a vida em pequenos focos dispersos, sem relação com o progresso do litoral, aos sertanejos pouco ou nada valeria a panaceia do alfabeto (MONARCHA, 2015, p. 119).

Assim, a demanda pela participação efetiva da União no combate ao analfabetismo e ampliação da escola primária, como condição de exercício da democracia, defendidas por uma maioria dos reformadores escolares, processou-se como parte da crise do federalismo brasileiro concomitantemente à construção do nacionalismo, nas primeiras décadas republicanas, como um processo político-social integrante das tensões entre as políticas estaduais e o desenvolvimento do nacionalismo (VEIGA, 2011). Segundo a autora Veiga (2011, p. 153),

[...] não é possível afirmar para os anos iniciais da República a existência de um projeto republicano nacional de educação, mas ações locais ou mesmo políticas republicanas essencialmente de âmbito estadual, como é o caso da edificação dos grupos escolares que marca a gestão política dos governadores. O entendimento da educação como um problema nacional se fez concomitante à percepção dos limites das ações estaduais e das práticas coronelísticas.

Nesse contexto, Lourenço Filho defendeu uma diferenciação no projeto republicano de educação nacional. Esse projeto deveria ser baseado numa cisão entre sertão e cidade, pois o seu discurso científico biopsicológico se sobressaía diante da luta nacional, ao afirmar que “[...] mais valerá, para cada mil cabeças, com cabeças bem formadas, adaptadas às necessidade e ao desenvolvimento da região, apetrechadas para lutar, vencer e impor-se aos demais” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 179). Nesse sentido, a solução para a questão nacional estaria numa dinâmica bem restrita “elites-povo-imitação”,

O problema cultural brasileiro exige nesse momento, mais que tudo, uma formação de elites, na ordem intelectual e na ordem moral. Isso não significa o abandono da rede de escolas primárias, é evidente. Será preciso fazê-la crescer sempre. Na realidade, porém, tal como elas operam e ainda por muito

⁹ Liga Nacionalista, organização fundada em dezembro de 1916, tendo como principais bandeiras de luta a defesa nacional, o serviço militar obrigatório, a educação primária e profissional, a educação cívica patriótica, o escotismo e o voto secreto e obrigatório. Foi fechada em 1924, após a Revolução Paulista (MONARCHA, 2015).

tempo poderão operar, de pouco poderão significar para a coordenação mental do povo, sem a existência de guias, administradores, verdadeiros políticos, capazes de compreender as necessidades e possibilidades do País (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 179).

Dito isso, a experiência de Lourenço Filho no Ceará não apenas reflete as diversas defesas de nacionalização da educação, em âmbitos local e nacional dos reformadores educacionais, como também lança luz nas concepções elitistas por ele tomados diante do caipira, sertanejo, homem do campo e caboclo.

Considerações finais

Quando Lourenço Filho iniciou a luta para expandir o alcance do sistema escolar no interior do Ceará, enviou inspetores a cidades para a contagem do número de cidadãos a serem escolarizados. Seu grupo encontrou dificuldades na cidade de Juazeiro. O jovem professor e psicólogo educacional tomou para si a tarefa de incluir a cidade no sistema educacional do Estado do Ceará. Por meio de uma caravana de carros, a expedição fora construída. De suas observações e escritas, nasceu o seu primeiro livro *Juazeiro do Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no nordeste*.

É possível verificar em sua obra que os homens brancos do litoral estavam relacionados ao progresso e ao projeto de nação, enquanto o caboclo e sertanejo, congelados em um tempo de primitivismo e de degeneração, em que a comunidade “abrigo de peregrinos e de cangaceiros da pior espécie” era inculta, doente – a inspeção médico-escolar a que se procedeu nas escolas do Cariri, em 1923, assinalou a espantosa cifra de oitenta e quatro por cento de crianças contaminadas, além da boubá e das moléstias venéreas – sem trabalho e loucos.

As dicotomias paranoia/saúde, doença/medicina, primitivismo/civilização, apresentaram-se como um recurso discursivo em defesa do projeto de nação, para uma população tanto estigmatizada, como degenerada. O processo de escolarização, com suas tensões inerentes, lançava condições para o controle social por meio da estigmatização sobre o analfabeto sertanejo sob o rótulo de um ser inferior aos outros no âmbito do processo civilizador proposto. Dessa forma, civilização significa, entre outras coisas, uma mudança no patamar de controle das condutas e emoções, no sentido de que o homem, e as sociedades por ele formadas, presos por cadeias de interdependência, produzem múltiplas figurações e contextos funcionais e que, no jogo das figurações, sofrem coerções impostas por suas estratégias (ELIAS, 1993, 1994).

O controle pode ser tanto exercido pelo Estado sobre o indivíduo, mediante suas leis, como por outros indivíduos dentro do convívio social. Ou pode ser ainda exercido pelo próprio indivíduo sobre si mesmo, o chamado autocontrole ou superego. Para Elias, o autocontrole é o código social de conduta, gravado tão fortemente no indivíduo que se torna um elemento constituinte do próprio, agindo até quando o indivíduo se encontra sozinho (ELIAS, 1993; 1994).

Desse modo, Lourenço Filho, como representante do aparelho do Estado e com a proposta de reforma educacional no Ceará, produziu, de fato, uma escrita de controle por meio da inferiorização de um povo, que sofria de uma degeneração promovida pelos jogos políticos locais e federais, não citados pelo autor como o principal responsável pelo contexto de desigualdade regional vigente na época.

Referências

ALMEIDA, N. F. **O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte e o projeto educacional do Padre Cícero: os benfeitores da juventude (de 1939 aos anos de 1970)**. 2011. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2011.

BASTOS, M. H. C.; CAVALCANTE, M. J. **O Curso de Lourenço Filho na escola Normal do Ceará**. São Paulo, Alínea:2009.

BOTO, C. **Instrução pública e projeto civilizador: o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMPOS, R. H. F.; ASSIS, R. M.; LOURENÇO, E. Lourenço Filho, a Escola Nova e a psicologia no Brasil. In: LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. 14. ed. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia: Eduerj, 2002. p. 14-53.

CAVALCANTE, M. J. M. Lourenço Filho: do ensino de pedagogia à reforma da Instrução Pública (1922-1923) In: BASTOS, M. H. C.; CAVALCANTE, M. J. **O Curso de Lourenço Filho na escola Normal do Ceará**. São Paulo, Alínea, 2009.

COSTA, D. M. V. **A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos no Brasil e no Estado do Espírito Santo (1947-1963): um projeto civilizador**. 2012. 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2012.

_____. **A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos no Brasil e no Estado do Espírito Santo (1947-1963): um projeto civilizador**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

DÁVILA, J. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. São Paulo: Unesp, 2006.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

MONARCHA, C. Prefácio. In LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Juazeiro do Padre Cícero (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927)**. Brasília: MEC/Inep, 2002. p. 11-17.

_____. **Laurenço Filho**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

_____. **Finisterras**: Bergström Laurenço Filho sertões adentro. Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

SERVA, M. P. Perigosas conclusões. **Folha da Manhã**, São Paulo, 19, set. 1926.

VEIGA, C. G. Pensando com Elias as relações entre sociologia e história da educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **Pensadores sociais e História da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. A escola e a República: o estadual e o nacional nas políticas educacionais. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 11, n. 1, p. 143-178, jan./abr. 2011.

Recebido em 17/04/2018 Aceito em 20/11/2018
--